



OS MONUMENTOS MEGALÍTICOS DO OLIVAL DOS MOROUÇOS (VALE DE POUSADAS, VILA VELHA DE RÓDÃO) - 1981

The megalithic tombs of Olival dos Morouços (Vale de Pousadas, Vila Velha de Ródão) - 1981

João Caninas e Francisco Henriques

Arqueólogos. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica (em 1981)

Palavras-chave Sepultura megalítica, Neo-Calcolítico, planície aluvial
Keywords Megalithic tomb, Neo-Calcolithic, floodplain

Resumo

É abordado, resumidamente, um grupo de dois monumentos megalíticos (tipo dolménico) localizados no centro interior de Portugal (Olival dos Morouços, Vila Velha de Ródão, Castelo Branco)¹. Este conjunto parece exemplificar mais um caso de heterogeneidade de estruturas. Tal como no Outeiro dos Gregos (Serra da Aboboreira, Baião, Porto) num caso citado por V. Oliveira Jorge, encontra-se em presença, um *tumulus* de maiores dimensões, o monumento 1, em superfície e altura, e outro mais baixo e menor, o monumento 2. No primeiro a câmara tem uma inserção assimétrica e não revela corredor. A estrutura do monumento 2 parece corresponder a uma câmara central de que restam dois esteios. Na região, de entre os monumentos observados estes são os únicos que se encontram em planícies (aluviões holocénicos). À semelhança destas duas construções, as "antas" da região são pequenos monumentos construídos com material do tipo xisto-grauváquico. Os monumentos da margem direita do rio Tejo (Beira Baixa) são tradicionalmente incluídos numa Cultura Megalítica das Beiras, caracterizada por mobiliários pobres, marcada pelo domínio da ponta de seta de base triangular e convexa e pela rarefação das placas gravadas. Os dólmenes da margem esquerda (Alentejo) tendem a ser relacionados com o complexo megalítico alentejano. Resta saber se, em contrapartida, estas construções que integram parte do contexto arqueológico do Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo (cujo último ensaio cronológico aponta para duas fases megalíticas e uma pré-megalítica) não constituem uma unidade própria, regional e intermédia. Para os monumentos da Beira Baixa, falta um inventário baseado numa completa prospeção da região. Por outro lado, as escavações realizadas até hoje são escassas e revelaram monumentos pobres ou com recheio muito degradado.

¹ Este texto foi originalmente publicado em 1986, no nº 6 do boletim informativo Preservação, editado pelo Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. Corresponde a uma abordagem ultrapassada, redigida em 1981, que se divulga em Arquivo apenas pelo facto destes monumentos, únicos por se situarem em planície aluvial, não terem sido novamente investigados.

Abstract

We studied a group of two megalithic monuments (dolmen type) in the Center region of Portugal (Olival dos Morouços, Vila Velha de Ródão, Castelo Branco). This Group seems to be one more example of heterogeneity of structures. Just as in Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira, Baião, Porto, North of Portugal) a case cited by V. Oliveira Jorge, a tumulus of large dimensions can be found, considering area and height, which we call the first monument, and another lower and smaller, called the second monument. In the first one, the chamber has an asymmetric insertion and does not show a corridor. The structure of monument 2 seems to have a central chamber of which two supports remain. In the region of the monuments observed, these are the only ones which were erected on the alluvial plain (Holocene). Like these two constructions, the dolmens of the region are small monuments built of shales and greywackes materials. The monuments on the right bank of the river Tagus (Beira Baixa Province) are traditionally included in a Megalithic Culture of the Beiras. These are featured for being poor in archeological materials? and marked by the predominance of triangular and convex arrow heads, and by the rare appearance of carved shale plaques. The dolmens on the left bank of the Tagus (Alentejo Province) tend to be related with the Megalithic Complex of the Alentejo. All that is left to know is if on the other hand these constructions which are related to the Tagus Valley Archeological Complex of Rock Art (whose last chronological tests showed two megalithic phases and one pre-megalithic phase), may constitute a real unit, regional and intermediate. As far as Beira-Baixa monuments are concerned, an inventory based on a complete prospection of the region is still missing. On the other hand, the excavations carried out up to now have been scarce and show poor monuments or with the contents extremely degraded.

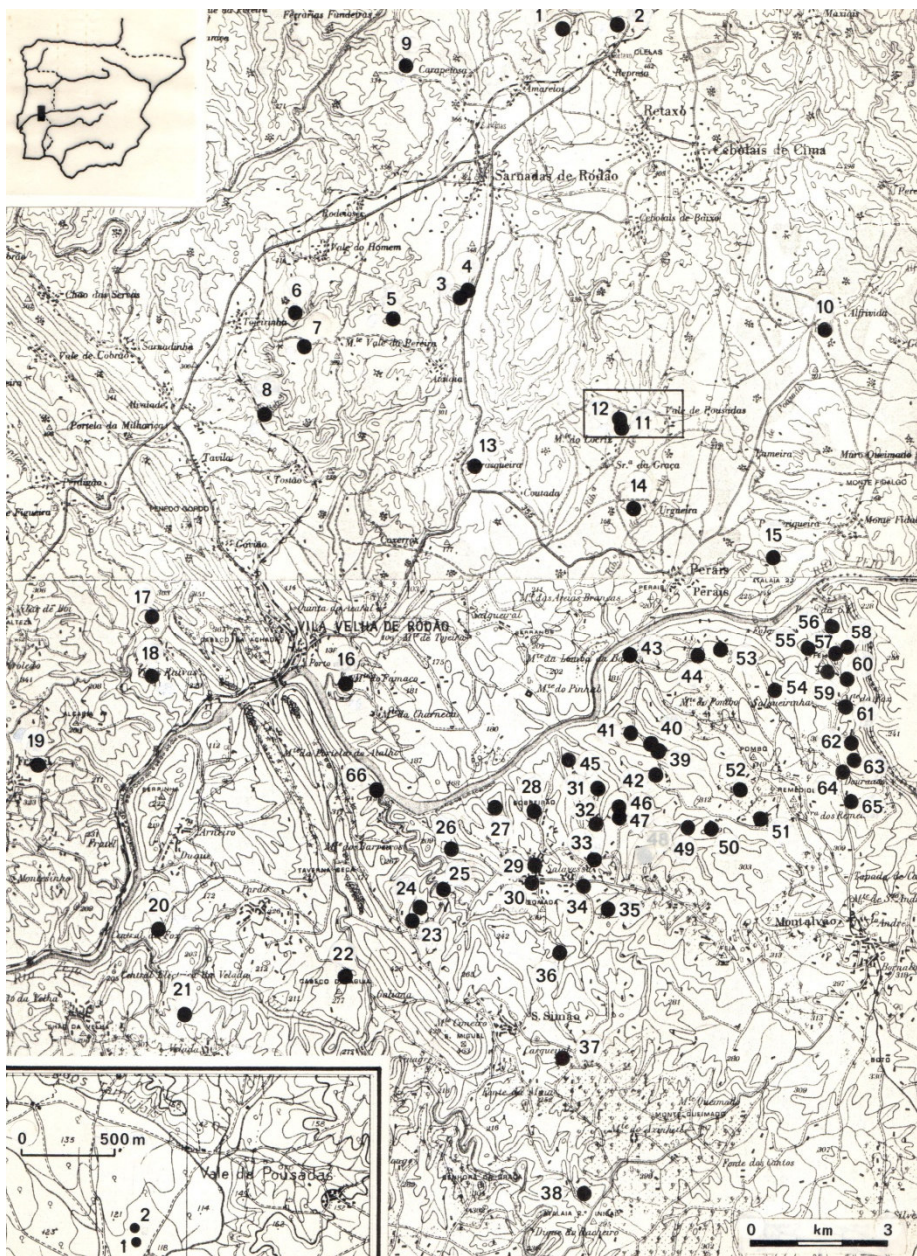


Figura 1. Localização de sepulturas megalíticas em Vila Velha de Ródão e Nisa. Os números 1 (e 11) e 2 (e 12) indicam os monumentos do Olival dos Morouços.

1. Numa publicação recente, V. de Oliveira Jorge (Jorge, 1980) apresenta um exemplo de diversidade megalítica, observado na Serra da Aboboreira. A esse propósito achámos útil expor um caso idêntico, por nós observado, cerca de 170 km para sudeste daquela região, mais precisamente no concelho de Vila Velha de Ródão. Em relação às estruturas estudadas no Outeiro de Gregos, o autor revela, numa passagem que sintetiza bem o problema levantado, que “...temos vindo a notar a existência, nas necrópoles megalíticas, de um certo polimorfismo arquitectónico, havendo com frequência, no mesmo local, grandes mamoas e outras muito pequenas e baixas, provavelmente articuladas com cistas, megalíticas ou não” (Jorge, 1980:19), facto este que nos parece extensível ao Olival dos Morouços.

2. Para Este e Nordeste de Vila Velha de Ródão, situam-se algumas das melhores áreas agrícolas do concelho, na região das planícies correspondentes à bacia tectónica de Ródão (Ribeiro et al., 1965). É numa das unidades agrícolas daquela zona, o Monte do Lucriz, que se encontram os (dois) monumentos megalíticos a que nos vamos referir². Estas construções distinguem-se da generalidade dos monumentos representados no mapa anexo (Figura 1), em primeira análise, pela sua localização em planície (aluviões atuais).

Os outros monumentos que conhecemos encontram-se implantados em superfícies mais ou menos recortadas da formação xisto-grauváquica (Ribeiro et al., 1965) (Tavelinha e Naves), ou plataformas de arcoses (Urgueira, Sesmarias) e de cascalheiras (Vale Muchacho, Cabeço das Taipas 1). Além disto, a mamoas do que designaremos monumento 1, é a melhor conservada de toda a região e a mais destacada. A estrutura dolménica deste monumento parece não ter paralelos locais, pelo facto de não apresentar, a priori, corredor, distinguindo-se de dois outros monumentos, em forma de bolsa com cabeceira estreita (Vermelha, Cabeço

² Coordenadas hectométricas secundárias de Gauss: monumento 1-H-246, 7, P-303,0; monumento 2 - H-246, 7, P-303,1 (Carta Militar, folha 303, esc. 1/25000). Cota dos dois locais: 120 m.

das Taipas 1)(Leisner & Leisner, 1959), e da maioria das antas assinaladas, as quais apresentam câmara e corredor, mais ou menos diferenciados (Terra da Azinheira e Cabeço d'Ante).

Colocámos reservas na anterior afirmação, devido ao facto de a câmara do monumento 1 do Olival dos Morouços, que se encontra totalmente escavada, apresentar uma inserção assimétrica na mamoa, deixando disponível todo o espaço voltado a nascente. Se o corredor de facto existe estará bem conservado, porque tanto do interior da câmara (poligonal fechada) como do exterior, não se vislumbram vestígios do seu arranque. Excluímos destas considerações aqueles monumentos cujo estado de conservação não nos permite decidir, *a priori*, quanto à existência original de corredor.

A própria toponímia sugere uma diferenciação relativamente a outras construções megalíticas, desta região. Estes dois monumentos são popularmente designados por *morouços* e não por *antas*, *antinhas* ou *antras*.

As diferenças existentes entre as duas construções do Lucriz são tão significativas quanto as constatadas na Serra da Aboboreira. Enquanto no monumento 1 tanto a câmara como a mamoa (diâmetro de cerca de 22 m) se destacam bem na planície, devido às suas dimensões, no monumento 2, com dois únicos esteios visíveis e de implantação vertical, destacam-se poucos centímetros acima da superfície de uma mamoa de menor altura (quase imperceptível) e diâmetro (com cerca de 16 m) que a anteriormente citada. O seu posicionamento parece corresponder a um monumento sem corredor, e eventualmente a uma cista. Encontram-se distanciados cerca de 104 m, segundo uma direcção norte-sul. Tanto estes como os monumentos citados no mapa anexo, são construídos em xisto, conservando-se apenas num caso a tampa de cobertura da câmara (Fateirão). Supomos serem estes (Olival dos Morouços) os megálitos referidos de uma forma imprecisa e por vezes contraditória, por Tavares de Proença em algumas publicações, além de manuscritos inéditos, que designa por túmulos. Aquele arqueólogo albacastrense sintetiza em *Antas do Distrito de Castelo Branco* (Proença Júnior, 1906), uma

classificação própria para estes sepulcros, subdividindo-os quanto à aparência, em antas e túmulos, explicando, noutro lado, que "*compreendo na designação geral de túmulos os monumentos megalíticos de qualquer tipo ainda recobertos pela mamoa ou montículo de terra e na de antas os monumentos já descobertos, isto é, cuja mamoa desapareceu já por qualquer motivo*" (Proença Júnior, 1910).

Em *Anta da Urgueira* (Proença Júnior, 1909) situa-se a 1500 m para nascente daquele dólmen os túmulos 1 e 2 do Lucriz e diz que, "*descobri o nº 2 em 27 de dezembro de 1904 e comecei a sua exploração em 30 de outubro de 1905. Nesse mesmo dia encontrei o nº 1, já quase completamente destruído.*" Pensamos serem de túmulos 1 e 2 respectivamente os monumentos 2 e 1 que estamos tratando e que Tavares de Proença na carta arqueológica da Beira Baixa (Proença Júnior, 1910). inscreve em Lucriz como sendo túmulos proto-históricos (?). Num outro opúsculo, inédito (Proença Júnior, 1905), que o Dr. António Salvado³ teve a gentileza de nos dar conhecimento, em tempos, Tavares de Proença inclui a planta correspondente ao 1º plano-começo de exploração, do túmulo nº 1 do Lucriz, evidenciando os seus 10 esteios e acusando 1,50 m de altura no centro da câmara, mas cujo traçado não parece corresponder a qualquer uma das estruturas do Olival dos Morouços.

Procedentes do Lucriz encontram-se depositados no Museu Francisco Tavares de Proença Jr., em Castelo Branco, apenas instrumentos de pedra polida, como nos informou o colega Joaquim Batista. Em alguns casos, como no Pego do Bispo, Cabeço da Águia-Pardo e Olival dos Morouços 1, surgem incorporando a estrutura que define a câmara, uns monólitos afeiçãoados, distintos dos esteios comuns por serem menos largos e mais espessos. Só não se poderão equiparar aos menires do monumento megalítico da Granja de São Pedro (Almeida & Ferreira, 1970), pela sua posição diferenciada na estrutura dolménica e por não aparecerem aos pares, como em Idanha-a-Velha, além das próprias dimensões.

³ Diretor do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior, em Castelo Branco.



Figura 2. Monumento 1 do Olival dos Morouços. Vista da mamoa e da câmara funerária.



Figura 3. Monumento 2 do Olival dos Morouços. Vista de enquadramento e de dois esteios da câmara funerária.

3. Contribuíram, genericamente, para a descoberta das construções megalíticas, em parte assinaladas na região enquadrada na Figura 1, os trabalhos de campo de Tavares de Proença (Proença Júnior, 1910, 1909), de George e Vera Leisner (Leisner & Leisner, 1959)⁴, da equipa de prospeção das campanhas de levantamento do Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo (Baptista et al., 1974; Serrão e Serrão, s/d; Monteiro e Gomes, 1978), do Núcleo Regional de Investigação Arqueológica (Batista & Leitão, 1980; Henriques & Caninas, 1980), de que fazemos parte, e do Grupo de Estudos e Proteção Arqueológica, de Retaxo.

No caso particular da Beira Baixa, o fenómeno megalítico continua por definir, devido às poucas escavações até hoje realizadas (Proença Júnior, 1909; Pereira, 1930/31; Almeida & Ferreira, 1958, 1959, 1970), e de que há conhecimento, mas também pela insuficiência dos espólios identificados, facto este atribuível em alguns casos a um adiantado estado de revolvimento. Nas conclusões da escavação da anta da Urgueira, Tavares de Proença assinala que, como em todas as que explorou nesta província, tinha servido para sepultar um só indivíduo (Proença Júnior, 1909). A escassez do mobiliário, a pouca frequência das placas gravadas, alguns particularismos tipológicos, têm justificado (Proença Júnior, 1909; Almeida & Ferreira, 1958, 1959) a inclusão dos monumentos de aquém-Tejo numa civilização dolménica das Beiras⁵, onde este mesmo rio parece figurar como fronteira.

Por enquanto, esta divisão parece-nos baseada em pressupostos insuficientes. Além disso, não atende à vastidão da região considerada e não encara a hipótese de definição de núcleos intermédios, cambiantes, susceptíveis de revelar influências diversas, segundo a direcção Norte-Sul desta parte ibérica do “Corredor atlântico” (Arnaud, 1978). Como se disse, os megálitos da Beira Baixa constituem um campo inexplorado. Além de nunca terem sido sujeitos a um estudo de maior

extensão e profundidade, nunca sobre eles se publicou uma memória descritiva⁶, igualmente extensiva e minimamente informativa, podendo dizer-se que além de não estudados são-nos desconhecidos.

Estas considerações aplicam-se, naturalmente, ao legado arqueológico de Tavares Proença. Simultaneamente rico, por não ter sido até hoje suplantado de forma tão global, e pobre, por conter imprecisões na localização das jazidas e monumentos que detectou. Por exemplo, das 16 antas necrópole dolménica de Sarnadas (Proença Júnior, 1909), só se encontram claramente identificadas as situadas na Silveirinha, Urgueira e Vale das Cobras. Atualmente, vários são os investigadores que se encontram debruçados sobre o tema, em diversas partes do país, para norte do Douro, na Beira Alta, no Alentejo, no Algarve, para não falar nos trabalhos de fundo desenvolvidos em épocas anteriores, quer nas regiões citadas quer noutras. A Beira Baixa encontra-se mal representada neste panorama, não constando na tabela cronológica provisória do megalitismo, em Portugal, de José Morais Arnaud (Arnaud, 1978), o espaço que lhe caberia, porventura num centro norte interior, o que confirma o que vimos dizendo.

Merece realce, pelas relações que possa revelar com o megalitismo local, o Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo, cujo mais recente ensaio cronológico (Baptista et al., 1978), o enquadra em três fases, das quais a segunda e a terceira são consideradas megalíticas. Como já fizemos notar (Henriques & Caninas, 1980), é no troço do rio Tejo (entre a Serra de São Miguel e o Rio Sever) correspondente ao adensamento da mancha megalítica (Figura 1), que se encontram cerca de 64% das gravuras do complexo citado (Serrão, 1978). Até que ponto se reflectirão nas estações de arte rupestre de ambas as margens, diferenças pressupostas entre megálitos dos lados beirão e alentejano? Ou pelo contrário, em que medida a homogeneidade temática, dos conjuntos de petróglifos das fases megalíticas (a constatar), será sinónimo de uma indiferenciação entre os conjuntos megalíticos de Vila Velha de Ródão e de Nisa? Para já, os achados superficiais que temos feito

⁴ Está ainda inédito o inventário megalítico correspondente ao trabalho desenvolvido por estes investigadores nas Beiras.

⁵ Referem-se a diversos sepulcros, alguns dos quais designam por cistas megalíticas, em Almeida & Ferreira (1959).

⁶ Como atrás se disse, este vazio poderá ficar preenchido com a publicação do volume dos Megalithgraber relativo às Beiras.

em antas de ambas as regiões (correspondentes ao sistema geológico xisto-grauváquico) não parecem expressar uma diferença acentuada. Tirando a descoberta excepcional de quatro placas gravadas, na anta das Naves (Batista & Leitão, 1980), podemos apenas citar um exemplo (pequeno fragmento) da anta do Cabeço d'Ante. Na região granítica do concelho de Nisa foi encontrada uma outra placa gravada (anta 1 do Maxial, Tolosa)⁷ e para norte, perto de Castelo Branco, na anta da Capa Rota (Leitão, 1979).

Em regiões limítrofes, segundo o eixo Norte-Sul, podemos constatar certos paralelismos materiais. Por exemplo, quanto à presença maioritária, na Beira Baixa, da ponta de seta de base triangular convexa ou de espigão, própria das regiões mais setentrionais do país, e no predomínio particular no espólio exumado em megálitos do concelho do Crato (Isidoro, 1966, 1967, 1970, 1971, 1973, 1975), onde apenas a anta 1 do Tapadão se parece exceptuar.

Tanto neste concelho como no de Idanha-a-Nova vamos encontrar as tão originais placas antropomórficas de grés, ou com vazamentos laterais (Almeida & Ferreira, 1956). Parece difícil admitir uma nítida variação com a passagem do Tejo, hipótese que se pode confirmar, ou infirmar, com o estudo detido e local dos monumentos existentes.

A descoberta relativamente recente, ainda que em condições trágicas⁸, de pontas de seta de base triangular (três), recta (uma) e fragmentos de prato de bordo almendrado, na anta do Farranhão, parece denunciar uma certa continuidade com os achados, líticos, ocorridos para norte e para sul. Introduce um dado novo, com a presença tão setentrional de um tipo de recipiente mais próprio do Calcolítico do sul do país (Tavares da Silva & Soares, 1977). Não esqueçamos que, considerações, como as que fizemos podem apenas ter razão de ser em determinadas fases do

fenómeno megalítico, não observando, portanto, toda a generalidade temporal desejada.

Bibliografia

Almeida, Fernando de e O. Veiga Ferreira (1958) Duas Sepulturas Megalíticas dos arredores de Idanha-a-Velha, Revista de Guimarães, vol. 48, Guimarães.

Almeida, Fernando de e O. Veiga Ferreira (1959) Sepulturas Megalíticas dos arredores de Idanha-a-Velha, Atas do I Congresso Nacional de Arqueologia, vol. 1, Lisboa:225-230.

Almeida, Fernando de e Octávio da Veiga Ferreira (1956) Placas antropomórficas do Museu Lapidar Egeítano, Revista de Guimarães, vol. LXXV, Guimarães.

Almeida, Fernando de e Octávio da Veiga Ferreira (1970) Um monumento pré-histórico na Granja de S. Pedro (Idanha-a-Velha), Atas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra), vol. 1: 163-188.

Arnaud, José Morais (1978) O Megalitismo em Portugal: problemas e perspectivas, Actas das III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: 99-112.

Baptista, A. Martinho, M. Manuela Martins e Eduardo da Cunha Serrão (1978) Felskunst im Tejo-Tal, São Simão (Nisa, Portalegre, Portugal) Madrider Mitteilungen, vol 19: 89-101.

Baptista, A. Martinho, M. Varella Somes, F. Sande Lemos, T. Marques, M. Martins, J. Pinho Monteiro, Raposo, V. M. Serrão, A. C. Silva, M. A. Querol e E. Cunha Serrão (1974) O Complexo de arte Rupestre do Tejo. Processos de Levantamento, atas do III Congresso Nacional de Arqueologia, vol. 1, Porto: 293-323.

Batista, Joaquim e Manuel Leitão (1980) Um Monumento Dolménico nas Naves (Montalvão, Nisa), Estudos de Castelo Branco, nº 5 (Nova Série), Castelo Branco.

⁷ Ver estampa 1.6 em Leisner & Leisner (1959).

⁸ A anta do Farranhão foi totalmente destruída por caterpillar. O material recolhido será publicado proximamente.

Henriques, Francisco J. R. e J. C. Pires Caninas (1980) Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa (1), Preservação, nº 3, Vila Velha de Ródão.

Isidoro, Agostinho Farinha (1966) Escavações em Dólmens do Concelho do Crato (Alto Alentejo). Trabalhos de Antropologia e Etnologia vol. XX, fasc. 1-2, Porto: 29-57.

Isidoro, Agostinho Farinha (1967) Escavações em Dólmens do Concelho do Crato (Alto Alentejo) - II. Trabalhos em Antropologia Etnologia, Vol. XX, fasc. 3-4, Porto: 285-297.

Isidoro, Agostinho Farinha (1970) Escavações em Dólmens do Concelho do Crato (Alto Alentejo) - III. Anais da Faculdade de Ciências do Porto, vol. LIV, fasc. 1 e 2. Porto: 145-160.

Isidoro, Agostinho Farinha (1971) Escavações em Dólmens do Concelho do Crato (Alto Alentejo) – IV. Trabalhos em Antropologia Etnologia, Vol. XXII, fasc. 1, Porto: 41-56.

Isidoro, Agostinho Farinha (1973) Escavações em Dólmens do Concelho do Crato (Alto Alentejo) – V. Trabalhos em Antropologia Etnologia, Vol. XXI, fasc. 2, Porto: 107-123.

Isidoro, Agostinho Farinha (1975) Escavações em Dólmens do Concelho do Crato (Alto Alentejo) – II. Trabalhos do Instituto de Antropologia “Dr. Mendes Correia”, Vol. XX, nº 29, Porto: 13p.

Jorge, Vítor de Oliveira (1980) Sobre um Estrutura situada na periferia da Mamoa 2 do outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira, Baião), Arqueologia, n.º 2, Porto: 19-24.

Leisner, George e Vera (1959) Die Megalithgraber der Iberischem Halbinsel - der Westen, Madrider. Forschungen, vol.I, Berlim: 349p; ver pág. 10, estampa 2.3 e estampa 86.9.

Leitão, Manuel (1979) A Anta da Capa Rota, Estudos de Castelo Branco, nº4 (Nova Série), Castelo Branco: 15p.

Monteiro, J. Pinho e M. Varela Gomes (1978) Os Menires da Charneca do Vale Sobral (Nisa), Revista de Guimarães, vol. 87, Guimarães: 17.

Pereira, Félix Alves (1930/31) A Pedra d'Ante ou um Monumento Megalítico na Beira Baixa, Archeologo Português, 1ª Série, vol. 29, Lisboa: 49-59.

Proença Júnior, Francisco Tavares de (1905) Antas. Portuguesas - colecção de apontamentos para um trabalho sobre o assunto (Inédito).

Proença Júnior, Francisco Tavares de (1906) Antas do Distrito de Castello Branco (inédito).

Proença Júnior, Francisco Tavares de (1909) Anta da Urgueira. Leiria.

Proença Júnior, Francisco Tavares de (1910) Arqueologia do Distrito de Castello Branco – 1ª contribuição para o seu estudo. Leiria: 25.

Ribeiro, O.; C. Teixeira; C. Ribeiro Ferreira; C. A. Matos Alves (1965) Carta Geológica de Portugal, na escala 1/50000 – Notícia Explicativa da Folha 28-B, Nisa, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa. 28.

Serrão, Eduardo da Cunha (1978) A Arte Rupestre do Vale do Tejo, Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, nº 1 (Aspectos e Métodos da Pré-História), Porto: 7-16.

Serrão, V. Manuel e E. da Cunha Serrão. Ensaio de enquadramento arqueológico do Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo (cap. II de um Relatório, inédito, apresentado à Fundação Calouste Gulbenkian).

Tavares da Silva, Carlos e Joaquina Soares (1977) Contribuição para o conhecimento dos povoados Calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve, Setúbal Arqueológica, vol. II-III, Setúbal: 179-272.